

ADVENTUS

Reflectamos brevemente sobre o significado desta palavra, que pode traduzir-se com "presença", "chegada" e "vinda".

Na linguagem do mundo antigo, "ADVENTUS" era um termo técnico utilizado para indicar a chegada de um funcionário, a visita do rei ou do imperador a uma província.

No entanto, podia indicar também a vinda da divindade, que sai do seu escondimento para se manifestar com poder, ou que é celebrada presente no culto.

O Apóstolo Paulo recorre precisamente a esta palavra: "vinda", que em grego é "*parusia*" e em latim, "*adventus*" (1 Ts 5, 23). Segundo a comum tradução deste texto, Paulo exorta os cristãos de Tessalonica a conservar-se irrepreensíveis "*para a vinda*" do Senhor.

Mas no texto original lê-se "**na vinda**" (εν τη παρουσια), como se o advento do Senhor fosse, mais que um ponto futuro do tempo, um lugar espiritual pelo qual caminhar já no presente, durante a espera, e dentro do qual precisamente ser conservados perfeitos em cada dimensão pessoal.

Os cristãos adoptaram a palavra "advento" para expressar a sua relação com Jesus Cristo: Jesus é o Rei, que entrou nesta pobre "província" denominada terra para visitar todos; na festa do seu advento faz participar quantos nele crêem, aqueles que acreditam na sua presença na assembleia litúrgica.

Substancialmente, com a palavra *adventus* desejava-se dizer: Deus está aqui, não se retirou do mundo, não nos deixou sozinhos. Embora não O possamos ver nem tocar, como acontece com as realidades sensíveis, Ele está aqui e vem visitar-nos de múltiplos modos.

DEUS VEM

Esta expressão tão sintética contém em si uma força de sugestão sempre nova. Paremos um momento para reflectir: não se usa o passado Deus veio nem o futuro Deus virá mas sim o presente: "*Deus vem*". Trata-se, em última análise, de um presente contínuo, ou seja, de uma acção sempre em acto: aconteceu, acontece agora e voltará a acontecer. Em qualquer momento, "*Deus vem*".

O único Deus verdadeiro, "o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob", não é um Deus que está no céu, desinteressando-se por nós e pela nossa história, mas é o Deus-que-vem. É um Pai que nunca cessa de pensar em nós e, no respeito extremo pela nossa liberdade, deseja encontrar-nos e visitar-nos; quer vir, habitar no meio de nós, permanecer connosco. O seu "vir" é impelido pela vontade de nos libertar do mal e da morte, de tudo o que impede a nossa verdadeira felicidade. Deus vem para nos salvar.

O verbo "vir" aparece aqui como um verbo "teológico" e mesmo "teologal", porque diz algo que se refere à própria natureza de Deus. Por conseguinte, anunciar que "Deus vem" equivale simplesmente a anunciar o próprio Deus, através de uma sua característica essencial e qualificadora: o seu ser o *Deus-que-vem*.

O Advento exorta os fiéis a tomarem consciência desta verdade e de agirem conseqüentemente. Ressoa como um apelo saudável, na repetição dos dias, das semanas e dos meses: *Acorda! Recorda que Deus vem!* Não ontem, não amanhã, mas hoje, agora!

AS TRÊS VINDAS

O tempo litúrgico do Advento celebra a vinda de Deus, nos seus dois momentos: primeiro convida-nos a despertar a expectativa da vinda gloriosa de Cristo; depois, aproximando-nos do Natal, chama-nos a acolher o Verbo que se fez homem para a nossa salvação. Mas o Senhor vem continuamente na nossa vida.

O tempo do Advento é vivido inteiramente segundo esta polaridade. Nos primeiros dias, dá-se relevo à última vinda do Senhor, como demonstram também os textos da hodierna celebração vespertina. Depois, aproximando-se o Natal, prevalecerá ao contrário a memória do acontecimento de Belém, para reconhecer nele a "plenitude do tempo".

Entre estas duas vindas "manifestas", pode-se reconhecer *uma terceira*, que São Bernardo chama "intermédia" e "oculta", que tem lugar na alma dos fiéis e lança como que uma "ponte" entre a primeira e a última. *"Na primeira escreve São Bernardo Cristo foi a nossa redenção; na última, manifestar-se-á como a nossa vida: é nela que se encontram o nosso descanso e a nossa consolação"* (Disc. 5, sobre o Advento, 1).

Portanto, é oportuno como nunca o apelo de Jesus, que no primeiro domingo de advento, nos é reproposto com vigor: "Vigiai!" (Mc 13, 33.35.37). Dirige-se aos discípulos, mas também "a todos", porque cada um, na hora que só Deus conhece, será chamado a prestar contas da própria existência. Isto exige um justo desapego dos bens terrenos, um arrependimento sincero dos próprios erros, uma caridade laboriosa em relação ao próximo e sobretudo uma entrega humilde e confiante nas mãos de Deus, nosso Pai terno e misericordioso.

DEUS VEM ATRAVÉS DE NÓS!

Esta vinda é singular: "a" vinda do Senhor. Todavia, não há somente a última vinda no final dos tempos: num certo sentido o Senhor deseja vir sempre através de nós. E bate à porta do nosso coração: estás disposto a conceder-me a tua carne, o teu tempo, a tua vida? Esta é a voz do Senhor, que quer entrar também no nosso tempo, quer entrar através de nós. Ele procura também uma morada viva, a nossa vida pessoal. Eis a vinda do Senhor.

Queremos novamente aprender isto no tempo do Advento: o Senhor possa vir também através de nós. Deus chama-nos à comunhão consigo, que se realizará plenamente com a vinda de Cristo, e Ele mesmo se compromete a fazer com que cheguemos preparados a este encontro final e decisivo.

O futuro, por assim dizer, está contido no presente, ou melhor, na presença de Deus, do seu amor indefectível, que não nos deixa sozinhos, não nos abandona nem sequer por um momento, como um pai e uma mãe nunca deixam de seguir os próprios filhos no seu caminho de crescimento.

DEUS VISITA-NOS

Portanto, o significado da expressão "advento" inclui também o de *visitatio* que, simples e propriamente, quer dizer "visita"; neste caso, trata-se de uma visita de Deus: Ele entra na minha vida e quer dirigir-se a mim. Na existência quotidiana, todos nós vivemos a experiência de ter pouco tempo para o Senhor e pouco tempo também para nós. Terminamos por ser absorvidos pelo "fazer". Não é porventura verdade que com frequência é precisamente a actividade que nos possui, a sociedade com os seus múltiplos interesses que monopoliza a nossa atenção? Não é talvez verdade que dedicamos muito tempo à diversão e a distrações de vários tipos? Às vezes, a realidade "arrebata-nos".

O Advento, este tempo litúrgico forte que estamos a começar, convida-nos a reflectir silenciosamente para compreender **uma presença**. Trata-se de um convite a compreender que cada um dos acontecimentos do dia é um sinal que Deus nos faz, um vestígio da atenção que Ele tem por cada um de nós.

Quantas vezes Deus nos faz sentir algo do seu amor! Manter, por assim dizer, um "diário interior" deste amor seria uma tarefa bonita e saudável para a nossa vida!

O Advento convida-nos e estimula-nos a contemplar o Senhor que está presente. Não deveria porventura a certeza da sua presença ajudar-nos a ver o mundo com olhos diferentes? Não deveria acaso ajudar-nos a considerar toda a nossa existência como uma "visita", um modo como Ele pode vir ter connosco e estar ao nosso lado em cada situação?

DEUS TEM TEMPO PARA NÓS

A exemplo de quanto a Jesus aprazia fazer, gostaria contudo de partir de uma constatação muito concreta: todos dizemos que "nos falta o tempo", porque o ritmo da vida quotidiana tornou-se frenético para todos. Também a este propósito a Igreja tem uma "boa notícia" para dar: Deus doa-nos o seu tempo. Nós temos sempre pouco tempo; sobretudo para o Senhor não sabemos ou, por vezes, não o queremos encontrar. Pois bem, *Deus tem tempo para nós!*

Esta é a primeira coisa que o início de um ano litúrgico nos faz descobrir com admiração sempre nova. Sim: Deus doa-nos o seu tempo, porque entrou na história com a sua Palavra e com as suas obras de salvação, para a abrir ao eterno, para a tornar história da aliança. Nesta perspectiva, o tempo já é em si um sinal fundamental do amor de Deus: um dom que o homem, como qualquer outra coisa, é capaz de valorizar ou, ao contrário, dissipar; de compreender no seu significado, ou descuidar com obtusa superficialidade.

À ESPERA DE DEUS

A palavra que resume esta condição particular, em que se espera algo que deve manifestar-se, mas que ao mesmo tempo se entrevê e se antegoza, é "esperança". O Advento é por excelência a temporada da esperança, e nele a Igreja inteira é chamada a tornar-se esperança, para si mesma e para o mundo. Sobre este tema sugestivo da «expectativa» agora gostaria de meditar brevemente, porque se trata de um aspecto profundamente humano, em que a fé se torna, por assim dizer, um só com a nossa carne e o nosso coração.

A expectativa, a espera é uma dimensão que atravessa toda a nossa existência pessoal, familiar e social.

A espera está presente em mil situações, desde as mais pequenas e banais, até às mais importantes, que nos empenham total e profundamente.

Entre elas, pensamos na espera de um filho da parte de dois esposos; na espera de um parente ou de um amigo que vem visitar-nos de longe; pensamos, para um jovem, na expectativa do êxito de um exame decisivo, ou de um colóquio de trabalho; nos relacionamentos afectivos, na espera do encontro com a pessoa amada, da resposta a uma carta, ou do acolhimento de um perdão...

Poder-se-ia dizer que o homem está vivo enquanto espera, enquanto no seu coração estiver viva a esperança. É das suas expectativas que o homem se reconhece: a nossa «estatura» moral e espiritual pode ser medida a partir daquilo que aguardamos, daquilo em que esperamos.

Na sua vida, o homem está constantemente à espera: quando é menino, deseja crescer; quando é adulto, tende para a realização e o sucesso; na idade avançada, aspira ao merecido descanso. Mas chega a hora em que ele descobre que esperou demasiado pouco se, para além da profissão ou da posição social, nada mais lhe resta para esperar.

A esperança marca o caminho da humanidade, mas para os cristãos ela é animada por uma certeza: o Senhor está presente no fluxo da nossa vida, acompanha-nos, e um dia enxugará também as nossas lágrimas. Um dia, não distante, tudo encontrará o seu cumprimento no Reino de Deus, Reino de justiça e de paz.

Portanto, cada um de nós, especialmente neste Tempo que nos prepara para o Natal, pode perguntar-se: **e eu, o que espero?** Para que propende, neste momento da minha vida, o meu coração? E esta mesma interrogação pode fazer-se a nível familiar, comunitário e nacional. O que esperamos, juntos? O que une as nossas aspirações, o que as une?

No tempo precedente ao nascimento de Jesus, era extremamente intensa em Israel a espera do Messias, ou seja, de um Consagrado, descendente do rei David, que finalmente teria libertado o povo de toda a escravidão moral e política, instaurando o Reino de Deus. Mas jamais ninguém teria imaginado que o Messias pudesse nascer de uma jovem humilde como era Maria, noiva do justo José. Nem sequer ela mesma jamais teria pensado, e no entanto no seu coração a

expectativa do Salvador era tão grande, a sua fé e a sua esperança eram tão fervorosas, que Ele pôde encontrar nela uma mãe digna.

No entanto, existem modos muito diferentes de esperar.

Se o tempo não foi preenchido por um presente dotado de sentido, a espera corre o risco de se tornar insuportável; se se espera algo, mas neste momento não há nada, ou seja se o presente permanece vazio, cada instante que passa parece exageradamente longo, e a expectativa transforma-se num peso demasiado grave, porque o futuro permanece totalmente incerto.

Ao contrário, quando o tempo é dotado de sentido, e em cada instante compreendemos algo de específico e de válido, então a alegria da espera torna o presente mais precioso.

Queridos irmãos e irmãs, vivamos intensamente o presente, em que já nos são concedidos os dons do Senhor, vivamo-lo projectados para o futuro, um porvir repleto de esperança.

Queridos amigos, o Advento é o tempo da presença e da espera eterna. Precisamente por esta razão é, de modo particular, o tempo da alegria, de um júbilo interiorizado, que nenhum sofrimento pode anular. A alegria pelo facto de que Deus se fez Menino.

À ESPERA DO DEUS QUE ME ESPERA

À humanidade que já não tem tempo para Ele, Deus oferece mais tempo, um novo espaço para que volte a entrar em si mesma, a fim de que se ponha novamente a caminho, para reencontrar o sentido da esperança.

Eis, então, a descoberta surpreendente: a minha, a nossa esperança é precedida pela expectativa que Deus cultiva a nosso respeito! Sim, Deus ama-nos e precisamente por este motivo espera que nós voltemos para Ele, que abramos o nosso coração ao seu amor, que coloquemos a nossa mão na sua e nos recordemos que somos seus filhos. Esta expectativa de Deus precede sempre a nossa esperança, exactamente como o seu amor nos alcança sempre primeiro (cf. 1 Jo 4, 10). Neste sentido, a esperança cristã chama-se "teológica": Deus é a sua fonte, o seu ponto de apoio e o seu termo. Que grande consolação há neste mistério!

MARIA MODELO DOS QUE ESPERAM A VINDA DO SENHOR.

Maria pertencia àquela parte do povo de Israel que na época de Jesus esperava com todo o coração a vinda do salvador.

Pelas palavras, pelos gestos narrados no Evangelho, podemos ver como realmente Ela vivia imersa nas palavras dos Profetas, estava inteiramente à espera da vinda do Senhor. Contudo, não podia imaginar como teria sido realizada esta vinda.

Talvez esperasse uma vinda na glória. Muito surpreendente foi para ela o momento em que o Arcanjo Gabriel entrou na sua casa e lhe disse que o Senhor, o Salvador, queria encarnar-se no seu ventre, por ela e através dela, queria realizar a sua vinda. Podemos imaginar a trepidação da Virgem Maria com um grande acto de fé, de obediência, diz sim: "Eis a escrava do Senhor". E assim, tornou-se "morada" do Senhor, verdadeiro "templo" no mundo e "porta" através da qual o Senhor entrou na terra.

Para esta vinda de Cristo, hoje, que poderíamos chamar "encarnação espiritual", o arquétipo é sempre Maria. Como a Virgem Maria conservou no seu coração o Verbo que se fez carne, assim cada alma e toda a Igreja são chamadas, na sua peregrinação terrena, a esperar Cristo que vem e a acolhê-lo com fé e amor sempre renovados.

Ó Maria,
Virgem da expectativa e Mãe da esperança,
reaviva em toda a Igreja o espírito do Advento,
para que a humanidade inteira
volte a pôr-se a caminho rumo a Belém,
onde veio e onde virá de novo para nos visitar o Sol que nasce do alto (cf. Lc 1, 78),
Cristo nosso Deus.
Amém.

Bento XVI

Excertos de textos das homilias nas primeiras vésperas de Advento (2005-2010)